



ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA POLITÉCNICA

ESCOLA POLYTÉCNICA – ESCOLA NACIONAL DE ENGENHARIA
ESCOLA DE ENGENHARIA DA UFRJ – ESCOLA POLITÉCNICA DA UFRJ

Boletim de divulgação da A³P – nº 161 – novembro de 2007

Largo de São Francisco de Paula – nº 01 – Centro – Rio de Janeiro – Tel/Fax: (21) 2221-2936
CEP 20051-070

www.a3p.com.br e-mail: antigoaluno.a3p@poli.ufrj.br a3poli@superig.com.br

UM POUCO DE HISTÓRIA DA A3P

1ª Parte

Eng.º Leizer Lerner ()*

A A3P tem história. Embora jovem como Instituição, é significativa a bagagem de realizações que ostenta e que lhe permitiu, ao correr dos anos, firmar uma tradição de seriedade e operosidade nas suas iniciativas. É hoje, afinal, uma entidade respeitável e que vem completar seus 75 anos.

A fundação da A3P se fez, solene, em 1932, durante imponente sessão magna no Salão Nobre da então Escola Politécnica, no Largo de São Francisco. Presentes estavam o Diretor, insignes Lentes Catedráticos da Casa, e ainda autoridades das mais representativas da República. Esgotada neste magnífico e inicial esforço de nascimento, hibernou a A3P por 12 anos. Em 1945, os engenheiros recém-graduados da turma de 1944 da Escola retomaram a idéia da Associação de Antigos Alunos. E assim foi de novo levantado o facho olímpico.

O empuxo imprimido por aqueles nossos colegas, em 1945, foi mais potente que o dos fundadores de 1932. Convocaram e realizaram reuniões e assembleia, elaboraram e aprovaram um Estatuto, e por fim o registraram na então Universidade do Brasil. A Escola, esta já era Nacional de Engenharia. Escola considerada padrão de ensino da profissão em nosso país, respeitada no Brasil e no estrangeiro, reunia uma plêiade de professores do maior prestígio profissional e acadêmico, graduava e pulverizava engenheiros por todo o imenso território da nação. Estes engenheiros, quais vigorosas sementes, fariam brotar, nos mais recônditos recantos da pátria, a frondosa árvore de construção do país e afirmação da nacionalidade.

Mas, uma segunda vez faltou fôlego. Seguiu-se novo período de longa hibernação. A semente, entretanto, tinha força e personalidade, um gene potente que aguardava apenas a hora e a vez de se manifestar e firmar definitivamente.

Coube à turma de 1955 - turma em que me graduei, de saudosas recordações em sua passagem pela Escola - retomar a luta e trazer de volta à arena a A3P. Refundou-a efetivamente em 1957, com a ajuda e o entusiasmo das turmas que a precederam e que com entusiasmo a nós se aliaram nessa empreitada. Em 1957 assinamos (o grupo de ativistas que retomou a idéia de 25 anos antes) e divulgamos um « Manifesto de Convocação dos Ex-Alunos da Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil ». Subscreviam o documento ilustres companheiros:

Gilberto Morand Paixão, Jadir Viana Botelho, Bernardo Griner, Celso Juarez de Lacerda, Manoel Griner, José Bragança Pinheiro, Mário J. Ferreira Pinto Milward, Armando Coelho de Freitas, Zilmar Montauray, Cairo da Silva Leite, Paulo Vieira Belotti, Mariza Ballariny. Dentre estes, hoje, não nos acompanham mais Armando Coelho de Freitas, Celso Juarez de Lacerda e Zilmar Montauray. Aqui consignamos nosso agradecimento por sua importante contribuição na construção deste patrimônio que é de todos nós, engenheiros egressos da gloriosa Casa do Largo de São Francisco e da nova fase da Escola Politécnica na Cidade Universitária.

O começo desta retomada foi difícil, penoso, laborioso. Contávamos, no entanto, com nossa juventude e o apoio de eminentes professores e líderes da classe. Na certeza de muitas omissões, que rogo me sejam desde logo relevadas, não posso deixar, nesta oportunidade, de lembrar algumas das figuras dentre as mais proeminentes que alimentaram o efetivo nascimento da A3P e várias de suas primeiras iniciativas: Maurício Joppert da Silva, César Cantanhede, Ruffno de Almeida Pizarro, Antônio José da Costa Nunes, Jerônimo Monteiro Filho, Emani da Motta Rezende, Octavio Cantanhede, Hélio de Almeida, Francisco Saturnino de Brito Frtrio, Antônio Alves de Noronha, Oscar de Oliveira, Artur Eugênio Jermann, Tércio do Souto Costa, João Cartos Vital, Jorge Oscar de Mello Flores, Jorge Felipe Kafuri, João Aristides Wiltgen, Antônio Manoel de Siqueira Cavalcanti, Francisco de Sá Lessa. Luciano Brandão Alves de Sousa, Durval Lobo, Antônio Ariindo Laviola, Enaldo Cravo Peixoto. E foram muitos outros, do mesmo porte, que a memória não alcançou neste instante de saudosas recordações.

Não tínhamos, entretanto, território... queríamos ser nação e nos faltavam fronteiras. O vetusto prédio da Escola havia sofrido importante ampliação na gestão Sá Lessa, no início dos anos 50, graças a significativa dotação obtida por Maurício Joppert da Silva no Congresso Nacional. Mas, pouco tempo depois, o edifício, embora ampliado, já carecia de áreas disponíveis. Seus gabinetes, salas de aula, laboratórios, apertados, insuficientes, clamavam pela expansão. Esta só se deu na Cidade Universitária, já nos anos 60. Encontramos guarida no Clube de Engenharia, entidade decana, mãe carinhosa de novéis agremiações da classe, dirigida com grande descortínio e dedicação peia figura notável de Maurício Joppert da Silva, tendo na Secretaria Geral o mestre César Cantanhede. Foi quando começou a história de nossas Sedes.

(*) O eng.º Leizer Lerner é Presidente de Honra da A3P
(Continua no próximo Boletim)

A PRIMEIRA APLICAÇÃO DO CIMENTO PORTLAND NO BRASIL

Eng.º Pedro Carlos da Silva Telles

O denominado cimento Portland foi patenteado na Inglaterra em 1824 por Joseph Aspdine, estudado e aplicado pelo engenheiro inglês John Smeaton que foi também o primeiro profissional da engenharia a usar o título de engenheiro civil, para distinguir dos engenheiros militares.

Acreditamos que a primeira aplicação do cimento Portland no Brasil tenha sido iniciativa do ilustre engenheiro André Rebouças, em 1866, na obra da Docca da Alfândega, no Rio de Janeiro.

A Docca da Alfândega, até hoje existente, foi a primeira construção portuária de vulto realizada em nosso país, consistindo em uma bacia com 16.000 m² de área, fechada por um lado por um molhe de 280 m de comprimento. Esse molhe, onde justamente foi empregado o cimento Portland, é composto por duas muralhas de cais paralelas, com imponentes arcadas de cantaria, sobre fundações de estacas de madeira. Sobre esse molhe foi construído um vasto armazém que abriga atualmente o importante museu do Espaço Cultural da Marinha. Na Docca da Alfândega e no cais adjacente estão estacionados os navios-museu da nossa Marinha, que incluem um rebocador da 1ª Guerra Mundial, um contra-torpedeiro e um submarino.

Como o cimento Portland, sugerido por André Rebouças em lugar da antiga "cal hidráulica", era na época ainda mal conhecido em todo o mundo e completamente desconhecido no Brasil, ele planejou e executou uma série de experiências para determinar as condições ótimas e as proporções da mistura bem como o tempo de pega e a resistência à tração e à compressão. Para esses ensaios projetou também as máquinas e os corpos de prova necessários. Todas essas experiências pioneiras e os seus resultados estão descritos em detalhe no seu artigo na Revista do Instituto Polytechnico Brasileiro de 1867.

André Pinto Rebouças (Cachoeira, BA, 1838 - Funchal, Ilha da Madeira, 1898) foi um notável engenheiro e professor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro por onde se formou em 1860. Era um homem de etnia negra e assim deve ter sido o primeiro não-branco em todo o mundo a conquistar um diploma de engenheiro.

Como engenheiro, atuou principalmente em obras portuárias; além da Docca da Alfândega, projetou e construiu o Cais de Orleans e parte das Docas D. Pedro II, todos no Rio de Janeiro, tendo realizado também projetos em vários outros portos brasileiros. Além da utilização pioneira do cimento Portland, André Rebouças foi ainda o primeiro a empregar no Brasil os modelos reduzidos, o escafandro, e também os modernos, para a sua época, conceitos da mecânica dos solos.

Foi também um notável professor, cuja cadeira incluía o estudo da resistência dos materiais, a arquitetura, os materiais de construção e a tecnologia das profissões.

André Rebouças era um erudito de vasta cultura, sendo além de engenheiro, astrônomo, botânico, geólogo, higienista, e ainda moralista, poeta e filósofo. Deixou numerosa e variada bibliografia, onde se contam 30 livros e monografias e mais de 120 artigos publicados em jornais e revistas, sobre os mais variados assuntos.

Grande amigo do Imperador D. Pedro II, não aceitou a República, exilando-se voluntariamente com a Família Imperial e não mais retornando ao Brasil.

O PROFESSOR: COMPETÊNCIA E HABILIDADE

Aimone Camardella ()*

Quando se fala nesta profissão, sente-se uma saudade muita grande daqueles momentos da infância e da juventude em que o Professor era o paradigma não só dos discípulos mas também da Família. Esse respeito deve-se a postura e a influência que ele exercia sobre o comportamento de todos, reverenciado como o MESTRE, dentro e fora da sala de aula. Neste último ambiente, não precisava uma disciplina rígida, pois a sua presença se

impunha por si própria desde a sua entrada na sala até o toque do sino de término da aula.

Além de ministrar com competência, a lição de cada dia, o Mestre tinha toda uma habilidade de tratar os seus alunos procurando tirar as dúvidas que lhe eram "educadamente" dirigidas, mediante uma solicitação com "o dedo levantado", e respondidas da melhor forma possível sem tumulto.

Hoje lamentavelmente parece que esta situação mudou, ou vem mudando, pois o corpo discente usa de posturas, às vezes, não compatíveis com o ambiente professor-aluno. Em certos momentos transcende para uma troca de palavras, ou até mesmo de ações, que levam a uma intimidade exagerada, podendo provocar tumulto ou outras conseqüências.

É o caso de se perguntar: Como explicar tais comportamentos tanto do aluno como até mesmo do Professor? Falta de competência, de habilidade do Mestre ou conseqüência da própria "modernidade"?

O assunto parece um tanto complexo, mas há que se analisar sob diferentes aspectos. O primeiro, sem dúvida, seria o do professor, usando jocosamente, anteriormente, apenas "cuspe e giz", e assim ele procurava transcrever no quadro-negro, tanto quanto possível, a essência da aula dando ensejo ao aluno de ler e anotar o máximo possível, organizando o seu "caderno" para estudar depois.

O livro texto sempre existiu, embora nem sempre suficiente para atender às necessidades do tema, o que era complementado no quadro pelo professor.

E hoje, o que em geral acontece? Os livros textos mais completos e o auxílio da "internet" parece que vieram substituir grande parte das funções do professor!

A chamada "pesquisa na internet" tornou-se muito cômoda para o professor, muitos dos quais se limitam a indicar o "tema de pesquisa" para depois ser apresentado para fins de avaliação. Será isto suficiente para incutir no aluno o espírito pedagógico, didático e cultural?

Evidentemente estas reflexões não se aplicam a todas as Instituições Educacionais. No entanto, há que se pensar na importância da generalidade da INSTRUÇÃO em um País que apresenta um grande índice de analfabetismo e que o seu necessário desenvolvimento depende de um Povo culturalmente preparado para acompanhar o grande desenvolvimento científico e tecnológico do mundo moderno. E tudo nos leva fundamentalmente ao PROFESSOR, devidamente preparado culturalmente e com habilidade suficiente para enfrentar os problemas da "SALA DE AULA".

Numa época de praticidade e objetividades imediatas, torna-se imprescindível a freqüência aos laboratórios específicos providos de equipamentos compatíveis com os níveis dos alunos de modo a dar-lhes a manabilidade na resolução de problemas do dia-a-dia ou prepará-los para profissão de maior interesse.

Esta é sem dúvida a base de qualquer formação profissional que infelizmente, muitas vezes, é deficiente em muitas Universidades.

É preciso separar o joio do trigo, ou seja, o aprendizado puramente científico do aprendizado tecnológico. Isso se torna dependente das áreas de graduação, como engenharia, medicina, direito, administração, etc.

Ressalte-se aí, principalmente, a capacidade e a habilidade do PROFESSOR ao demonstrar e mostrar as incongruências e dificuldades de cada manipulação.

Muitos outros aspectos poderiam e deveriam ser abordados, o que faremos em outras oportunidades.

() Aimone Camardella é vice-presidente do Conselho Diretor da A3P*

JOÃO CABRAL DE MELO NETO – O ENGENHEIRO DA POESIA

*por Vanusa de Melo
(vanusa@pedechinelo.com.br)*

Os que concebem a poesia como a expressão sincera de um eu, poderão rejeitar a poesia de João Cabral de Melo Neto ou pelo menos parte representativa de sua obra.

No poema que podemos chamar de espécie de estatuto de uma nova proposta poética em que se lança mão de uma

certa concretude ou materialidade da palavra essa concepção é posta em questão. Trata-se do poema *O engenheiro*, publicado em 1945, no livro de mesmo nome. Cabral não acredita nesta viscera chamada coração para compor sua obra. Para o poeta, o cérebro é o centro da concepção poética. Daí, ter encontrado na atividade da Engenharia a aproximação adequada à sua poesia, pois sua palavra remete necessariamente ao mundo exterior e é fruto de trabalho árduo, pois recusa a ideia de que o poeta age por inspiração: "Quando vejo um poema datado do dia tantos do mês tal fico arrepiado. Tenho a impressão de que foi feito de uma vez só, num determinado dia. Levei dez anos para fazer certos poemas. Por exemplo, o meu poema *Tecendo a manhã*, que parece ser muito espontâneo, levou 10 anos a escrever. Para mim, o trabalho da poesia é um trabalho intelectual como o de um engenheiro". A associação feita pelo escritor aparece em seus depoimentos e poemas. A obra *O Engenheiro* traz diversos exemplos dessa "ideia fixa" em Cabral. Tal como explica o dicionário, o engenheiro aplica conhecimentos científicos e empíricos à concepção de estruturas e busca transformar recursos naturais para atender às necessidades humanas. Se for este o caminho percorrido pelo autor de *Uma educação pela pedra* para criar sua obra, podemos dizer que sua poesia prescindia de comoção, sentimento quase sempre perseguido pelo fazer poético. E seu antilirismo leva o público leitor de poesia a ver um poeta "sem coração", frio, que escreve por cálculos. Escreve e reescreve até atingir o resultado ideal. Para isso, abre mão de quaisquer vestígios de sentimentalismo, para valorizar uma poesia que é construção. Para Cabral, o poeta, assim como o engenheiro: "pensa sonha coisas das: / superfícies, ténis, um copo de água, / O lápis, o esquadro, o papel; / o desenho, o projeto, o número; / o engenheiro pensa o mundo justo, / mundo que nenhum véu encobre..."

Assim, forma e materialidade são idéias sem as quais não se compreende a poesia cabralina. Reparemos o universo vocabular do poema, repleto de referências ao trabalho, à "forja" do engenheiro, referências estas que retiram do poeta o estigma de "ser iluminado", substituída ali pela idéia do sujeito que trabalha sua matéria. Essa substituição remete-nos à reflexão que Walter Benajmin, citado por João Alexandre Barbosa, faz acerca da evolução das artes: "Na verdade, o processo de dessacralização que Benjamin vê como essencial no movimento de arte moderna, aquela 'destruição da aura de suas criações', por força da própria evolução dos meios de reprodução da civilização industrial, levava inapelavelmente para o plano da reconsideração, da crítica, os instrumentos de que se serviam as artes de representação, nelas, evidentemente, incluindo-se a poesia, a Literatura..."

Mas essas ideias ligadas à materialidade não são idéias em si mesmas, como ocorre com o movimento denominado Concretismo, cuja disposição das palavras no papel remete à coisa a que se refere o poema. Em Cabral, é necessário o contato como o mundo exterior à palavra: superfícies, ténis, pedra, um copo de água, vento ou os edifícios. O contato com a realidade palpável faz da visão o sentido mais caro à construção de João Cabral. Por isso, houve grande dificuldade de produção em seus últimos anos de vida, pois teve acentuado problema visual. Em entrevista a José Geraldo Couto³, o autor afirma: "Eu, para escrever, preciso ver muito o que estou escrevendo, sou incapaz de compor uma coisa de cabeça e ditar. O poema, para mim, é como se eu pintasse um quadro. Preciso ver como é que está ficando a forma dele. De modo que eu tenho a impressão de que, apesar de ter muita coisa começada, não sei se eu poderei terminar. De fato, Cabral redefine o ato poético. Inserir nele elementos cerebrais, diluindo valores antes sagrados, como sentimento, inspiração e até lirismo. Como diz o poema metalingüístico *Catar feijão*, do livro *Educação pela pedra*: *Catar feijão se limita com escrever / Jogam-se os grãos na água do alguida / E as palavras na da folha de papel; e depois, joga-se fora o que boiar. / Certo, toda palavra boiará no papel. / água congelada, por chumbo seu verbo;*

*pois catar esse feijão, soprar nele, / e jogar fora o leve e oco, palha e eco. / *Ora, nesse catar feijão entra um risco o de que entre os grãos pesados entre / um grão imastigável,*

de quebrar dente. / Certo não, quando ao catar palavras: a pedra dá à frase seu grão mais vivo: / obstrui a leitura fluviente, flutuai, açula a atenção, isca-a com risco. Como em *O engenheiro*, no poema acima, surgem elementos alheios ao universo lírico até então admitido por grande parte da tradição poética, como "água congelada" ou "chumbo". Além disso, Catar feijão, traz a visão da escrita como algo econômico, em que se "lança fora" o que for leve e oco, logo, sem valor. Assim, uma leitura "fluviente, flutuai" daquelas em que o leitor confessa "viajar" ou "flutuar" fica impossível. Antes, será exigido do leitor que tenha excelente acuidade visual, pois o poema "açula" sua atenção, provoca-o a que permaneça em terra firme, lúcido e atento.

Os dois poemas formam um verdadeiro manifesto de uma nova proposta de poesia, talvez indigesta, mas sobretudo crítica, exemplo do que o estudioso João Alexandre Barbosa chamou de "metáfora crítica", dessacralizada, inquietada, repensando-se e refazendo-se todo o tempo, num movimento necessário à modernidade a qual representa.

Publicado originalmente no Jornal Integrando Letras, do Instituto de Letras da UERJ, em 1998.

MÁRIO ANTONIO BARATA

Perdemos no dia 14/09/07 o nosso grande amigo, sócio honorário, professor Mario Antonio Barata. Museólogo, historiador, jornalista, professor e crítico de arte, nasceu no Rio de Janeiro em 20 de julho de 1921. Diplomado pelo Curso de Museus do MHN era também bacharel em Ciências Sociais pela Faculdade Nacional de Filosofia, da antiga Universidade do Brasil, licenciado em Letras (Historia da Arte) pela Universidade de Paris e livre-docente e doutor em História da Arte pela Escola Nacional de Belas Artes. Tinha, ainda, os cursos do Instituto de Estudos Políticos, da Escola do Louvre e do Museu do Homem, de Paris. Conservador, por concurso do MEC, foi também professor adjunto de Artes Menores dos cursos de Museologia do MHN e da UNI-Rio, catedrático de Historia da Arte na Escola de Belas Artes e no mestrado de História da UFRJ e professor emérito desta última. Atuou como crítico de arte no *Diário de Notícias*, no *Ultima Hora* e no *Jornal do Commercio* e na revista *Colóquio Artes*.

Era membro da Academia Portuguesa da História, da Academia de Belas Artes de Lisboa e dos Institutos Históricos do Pará, Rio de Janeiro e Pernambuco. Foi um dos fundadores, no Louvre, do ICOMOS, membro do júri da Bienal de Paris, vice-presidente da Association Internationale des Critiques d'Art (Paris), membro de seu Conselho de Administração e secretário regional para a América Latina, e bolsista da Fundação Gulbenkian, em Portugal.

Publicou, entre outros: *Ensaio de Numismática e Ourivesaria, Conceito atual da natureza da escultura, Azulejos do Brasil (séculos XIX e XX), Presença de Assis Chateaubriand na vida brasileira, Escola Politécnica do Largo de S. Francisca* berço da engenharia brasileira, *Igreja da Ordem 3ª da Penitência do Rio de Janeiro e Poder e Independência no Grão-Pará*.

DURVAL COUTINHO LOBO

Professor William Paulo Maciel ()*

Este ilustre e provento engenheiro que teve como preocupação constante, ao longo de sua profícua vida, o futuro da engenharia brasileira pode ser considerado justamente como um dos últimos Humanistas, pois a versatilidade dos assuntos por ele tratados, abrangia os mais diversos ramos do conhecimento, sendo das ciências exatas até as sociais. Passando pela Política, Historia Geografia enfim um verdadeiro polígrafo...

Nasceu em Campos dos Goytacases no Estado do Rio de Janeiro em 1º de Maio de 1910 e morreu no mês de novembro no dia 7 do corrente ano, com a idade de 97 anos e 7 meses.

Foi Poeta, Prosador, qualidades desenvolvidas desde a sua mais tenra adolescência, Engenheiro Geógrafo da turma de 1931, Engenheiro Civil e Engenheiro Eletricista da turma de 1935 pela Escola Politécnica da Universidade do Brasil. Formou-se ainda como Engenheiro Arquiteto pela Escola Nacional de Belas – Artes e Urbanista pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil.

Recebeu as medalhas de D. Duarte Coelho, Saturnino de Mérito, Cinquentenário dos 18 do Forte de Copacabana e Medalha de Mérito concedida pela Federação Nacional de Engenheiros por quarenta anos de serviços prestados a Engenharia.

O início de sua vida foi marcado pela sua presença como político.

Prefeito de Macaé, em 1935, recém- formado. Em 10 de julho de 2006, a Prefeitura de Macaé como homenagem aos antigos prefeitos o homenageou inserindo na Galeria de Imagens seu retrato. "É uma maneira justa de reconhecer todos aqueles que ajudaram a transformar Macaé na cidade que temos hoje", nas palavras do Prefeito Riverton Mussi Ramos explicando os motivos da instalação da Galeria de Imagens na sede da Prefeitura.

Como Professor de Urbanismo foi o coordenador do curso de Urbanismo na Faculdade de Arquitetura, da Universidade do Brasil, e ainda lecionou no curso Professor Jerônimo Monteiro Filho de Engenharia Rodoviária da Escola Nacional de Engenharia.

Entre 1935 e 1960 foi Conselheiro do CONFEA e do CREA representado a Faculdade de Arquitetura. Após a fusão da 5ª Região do CREA com a 13ª Região e formada a 21ª foi eleito seu Presidente durante a Sessão Especial do Confea realizada em 28 de maio de 1975 exercendo o mandato entre 1976 a 1978.

Na condição de Presidente do CREA redigiu o documento em que cento e sessenta e dois arquitetos, engenheiros e críticos de arte divulgaram um manifesto contra a demolição do Palácio Monroe. Durval Lobo disse na ocasião que a iniciativa era um gesto sem esperança, afirmando textualmente: "Desejamos apenas firmar perante nossos sucessores que a demolição do Monroe provocou advertência e veemente apelo para que fosse evitada a destruição de um edifício que, além da significação histórica, integra o patrimônio arquitetural representativo do implante da república nosso país", Jornal O GLOBO, 28 janeiro 1976.

Essa inconformidade com a decisão de um presidente da Republica, isto é a demolição do Palácio Monroe na Cinelândia, ensejou também que o Presidente de Clube de Engenharia, por ofício datado de 15 de maio de 1975, encaminhasse ao Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro um volumoso Relatório contendo os resultados dos estudos lá realizados, pela Divisão Técnica Especializada de Urbanismo, como um dos órgãos constitutivos do Departamento de Atividades Técnicas do Clube de Engenharia, sobre o "momentoso problema ligado à manutenção ou demolição do antigo Palácio Monroe."

Pelo referido ofício, é solicitada a atenção do Presidente do Instituto Histórico Geográfico para a Resolução aprovada em 20 de fevereiro do corrente ano, pelo Conselho Diretor do Clube de Engenharia, no sentido da preservação do Palácio Monroe. Finalizando, o Presidente do Clube de Engenharia declara que a Resolução aprovada "revela exaustivamente as razões que levam esta Entidade àquela decisão de votar pela não demolição e sim pela restauração daquele imóvel. "

A opinião do Clube de Engenharia com base no parecer do engenheiro Durval Lobo da Comissão de Urbanismo do clube foi aprovada pela Comissão daquele Instituto, designada para opinar sobre a questão do Palácio Monroe, a qual apresentou o seu Relatório em 14 de agosto de 1974, com a seguinte parte conclusiva: "Em consequência, a Comissão designada pelo Presidente do Instituto Histórico e Geográfico é de parecer, por maioria dos votos, que o Palácio Monroe não deve ser demolido e que devem ser envidados esforços para que o edifício seja restaurado de modo a retomar, o mais possível sua forma original; assim procedendo, estaremos preservando um notável valor histórico e arquitetônico brasileiro e estaremos salvaguardando uma obra, que há setenta anos projetou,

gloriosamente, o nome do Brasil no estrangeiro. "Texto do livro Souza Aguiar, Palácio Monroe-RIO 1976.. p.155-7" .

Foi Presidente de várias outras entidades de classe entre elas a A3P onde foi também Conselheiro, Diretor e Presidente, as suas atividades na A3P são SOBEJAMENTE conhecidas razão pela qual deixo de relatar.

Na Sociedade Brasileira de Geografia foi conselheiro e ainda Diretor do Patrimônio, Bibliotecário e Diretor Cultural.

Assistimos tristes, consternados e saudosos, nesta segunda feira dia 9 de novembro a Missa de 7º Dia, onde entre os presentes destacamos o Presidente do Clube Heloi Moreira, o Diretor Secretário Bernardo Grinner, e os conselheiros Leizer Lerner e Hernani Botega.

Ocasão em que tivemos seu lado de Humanista ressaltado na oração fúnebre proferida por uma amiga da família que enalteceu o Poeta, o Prosador, do membro do Cenáculo Brasileiro de Letras e artes da Academia Brasileira de Trovas, da Academia Guanabarina de Letras , da Sociedade Homens de Letras do Brasil, da UBT e outras entidades culturais .

(*) Membro do Conselho Diretor da A3P

ARQUIVO

Continuamos mostrando fotos dos nossos arquivos para os saudosistas.



Escola Politécnica e parte do Largo de São Francisco, 1890. Foto de Marc Ferrez, do livro de Mario Barata. "Escola Politécnica no Largo de São Francisco – Berço da Engenharia Brasileira" - 1972

FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO DE FINAL DE ANO

No dia 11 de dezembro será realizada a nossa tradicional festa de confraternização de final de ano. Terá início às 17 horas, no 24º andar do Clube de Engenharia, onde ocorrerá um "happy hour" com música ao vivo, coquetel e sorteio de brindes. A festa será por adesão, no valor de R\$25,00 por pessoa. Você poderá fazer a sua inscrição pelos telefones 2221-2936 (com Neuzmar ou Bianca) ou também 2562-7435 ou 7436 (com Marli ou Elô).

DIRETORIA DA A3P

Presidente: *Heloi José Fernandes Moreira*
1º Vice-Presidente: *Léo Fabiano Baur Reis*
2º Vice-Presidente: *Ericksson Rocha e Almendra*
Diretor Administrativo: *Silvio Souza Lima*
Vice-Diretor Administrativo : *Cleofas Paes Santiago*
Diretor 1º Tesoureiro: *Gerhard Vasco Weiss*
Diretor 2º Tesoureiro: *Henri Uziel*
Diretor Técnico Cultural: *Fernando A.B. Danziger*
Vice-Diretor Técnico Cultural: *Israel Blajberg*

VISITEM NOSSO SITE: WWW.A3P.COM.BR